

A geladeira vazia do presidente Sarney José

Foi o jornalista Getúlio Bittencourt, então chefe da sucursal da *Veja*, quem disseminou em Brasília o hábito de marcar encontros com figurões durante o café da manhã. A novidade surgiu no início dos anos 80. Fez sucesso, para desolação de antigos passageiros da noite. Horários historicamente obscenos – sete, sete e meia da madrugada – foram incorporados à rotina de trabalho. Getúlio Bittencourt, meu velho amigo: foi o pai da idéia.

Num fim de noite em Brasília, soube que o dia seguinte começaria cedo. “Temos um café da manhã”, avisou Getúlio. “Com o Sarney, sete e meia.” Achei um despropósito. O senador José Sarney era presidente do PDS. Pelo andar da carruagem, os militares não durariam tanto tempo no poder, mas os civis governistas ainda nem piavam.

Não havia no horizonte sequer vestígios de campanhas pela eleição direta do presidente, muito menos sinais de dissidências no PDS. Para que, então, aquela conversa?

E naquele horário? “Deixa de ser arrogante”, cortou Getúlio. Mas por que às sete e meia? “Porque ele gosta”, encerrou. Fui, resignado. Como iria outras vezes, muitas. Sempre em companhia de Getúlio, sempre naquele horário. Sempre achando que estava perdendo tempo. Até que Sarney virou presidente. Liguei para Getúlio e capitulei: meu amigo era um profeta.

“Ele vai continuar te recebendo naquele horário”, tripudiou. Assim seria. De hábitos moderados, Sarney gostava do horário. E tinha motivos para deduzir que dividíamos o encanto pela contemplação da aurora. Sempre havíamos conversado cedo. Por que não manter a conversa no café da manhã, à base de queijo de leite de cabra, queijo-de-minas, pão, café com leite, só?

Fora o horário, nada ali lembrava uma família americana. Mas tivemos encontros interessantes, um deles no Palácio da Alvorada. Numa manhã de 1988, ficamos sentados frente a frente no meio de uma mesa enorme, dessas usadas em banquetes do Lions. Mais ninguém. Eu combatia o sono, ele parecia especialmente animado. Comia e falava, falava e comia.

Entre uma garfada e outra, engolia uma das pílulas coloridas que se aglomeravam no pratinho ao lado. E seguia o discurso sobre o espetáculo de desenvolvimento patrocinado pelo Plano Cruzado. Comecei a achar aquela conversa meio doida. A euforia dos primeiros meses acabara, o país entrara no que os economistas chamavam de “crise de desabastecimento”.

Faltava carne, o delegado Romeu Tuma comandava caçadas a rebanhos supostamente escondidos por sabotadores. Faltava tudo. O frango que antes sobrava também sumira, a inflação voltava a galope. Estava claro que aquilo iria acabar mal. Mas Sarney esbanjava otimismo.

“O importante é que quem comprou uma geladeira continua com a geladeira”, ouvi o anfitrião argumentar. Despertei de vez. “Mas não há nada na geladeira, presidente.” Gentil como sempre, olhou-me com expressão misericordiosa. “Só que agora existe a geladeira”, explicou. “E antes não havia a geladeira.”

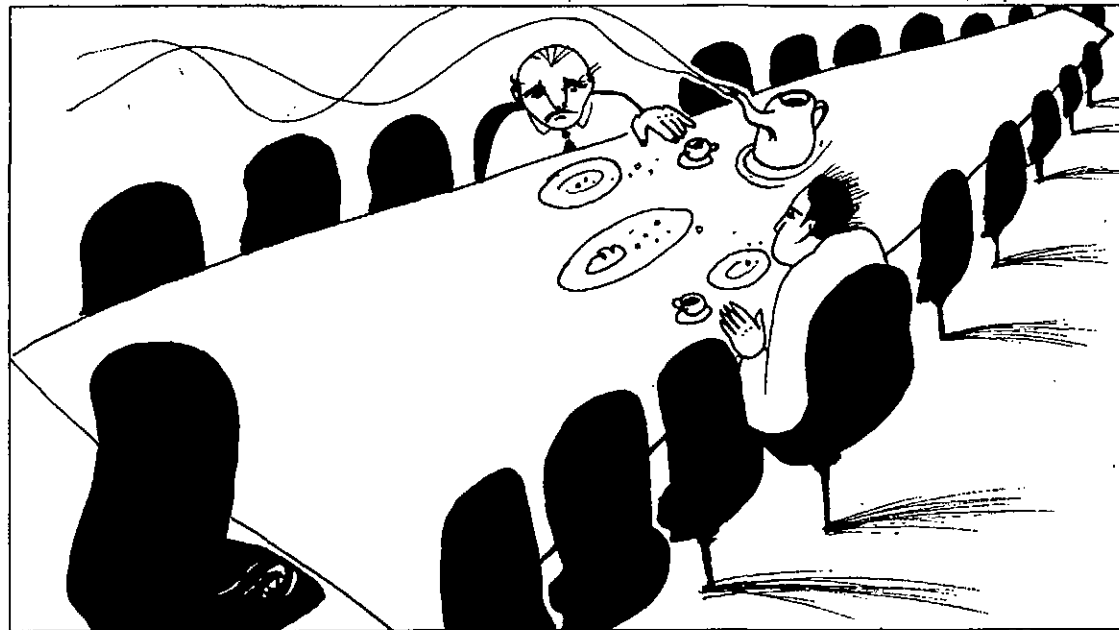


Ilustração: Manu Maltez